

MENINA

JÚLIA

August
Strindberg



Duração 1h15

Se taparmos os ouvidos, a campainha soará mais alto do que nunca

João, um criado e única personagem masculina desta tragédia naturalista, um proto *selfmade man* darwiniano, revela a sua frustração por sentir, de forma quase reflexa, as suas costas vergarem em submissão perante o simples contemplar das botas por engraxar do seu amo, o Conde. Essa fraqueza assumida perante algo que lhe parece maior do que ele, revela-se como uma das suas principais motivações para uma almejada ascensão social. Contrariamente, Cristina, uma cozinheira com a qual João tem aparentemente uma relação amorosa, revela-se de um pragmatismo desarmante relativamente à sua classe social bem como às convicções religiosas que a permitem suportar uma existência onde o pecado também mora. São estes os dois personagens que encetam a ação desta peça que decorre quase em tempo real e num único lugar – a cozinha – coração da casa senhorial e também lugar simbólico de alimentação, amor e abrigo, por oposição ao mundo exterior, caótico e imprevisível, e que está sempre presente, projectado no conflito que se começa a desenhar quando entra em cena a Menina Júlia, filha do Conde, e senhora da casa após a morte recente da mãe. É a noite de S. João e Júlia, inebriada pela festa de que se ouvem ecos do exterior, e investida por uma fé tão inabalável quanto pueril na ideia de igualdade, inicia um perigoso jogo de sedução com João, que rapidamente se transforma numa luta de poder em que a balança de forças se desequilibra constantemente, e em que a questão da luta de classes é terreno fértil tanto para a paixão como para o desalento.

Strindberg, perseguindo a tese de um teatro naturalista, traz ao palco os temas que considera atuais, refletindo-os magistralmente nas dores e esperanças de personagens multifacetadas e complexas. Mas ao fazê-lo carrega consigo o peso do seu tempo, e o caso de *Menina Júlia* revela-se paradigmático: apesar de ainda hoje ser a peça mais emblemática do dramaturgo e continuar a ser levada

ao palco um pouco por todo o mundo, são evidentes os traços redutores de carácter das mulheres por um autor conhecido como misógino. Júlia, que no decorrer da peça se vê desonrada e posta em causa pelo ambicioso criado, fica sem futuro. A sua ingenuidade, que nos surge sob a forma de uma coqueteria inconsequente que desafia as convenções, é posta em causa pela ousadia daquele criado, numa visão estóica que o pinta como “homem do futuro” que despreza a classe ainda dominante embora seja incapaz de se libertar da sua consciência de escravo. O contexto social do final do século XIX em que o feudo daria lugar à indústria, faria tremer as concepções quanto ao lugar da mulher, resultando em renovadas formas de opressão, por exemplo classificando-as como histéricas sempre que desafiavam as convenções, uma forma de as desumanizar e apagar. Em *Menina Júlia* é possível ver essa marca de água no comportamento errático da jovem por oposição ao frio e decidido criado. A inevitabilidade do destino de Júlia parece-nos, sob o olhar contemporâneo, inverosímil – porquê então a insistência em trazer esta peça aos palcos de hoje? Não haverá uma resposta única, e nos ensaios que fizemos este tema foi recorrente. Talvez esta seja uma questão similar a tantas outras que se têm colocado quando se fala em cancelar ou alterar obras clássicas, dando-se assim mais valor às dissidências morais do que à poesia. É inegável o tom poético com que Strindberg conduz a ação, não poupando nos recursos alegóricos e nos símbolos neste texto naturalista, em que talvez a relevância se tenha de medir não pela tragédia de uma Júlia patriarcalmente representada, mas pelo jogo de poderes de dois mundos que ainda hoje hesitam antes de se tocar.

TRADUÇÃO
DIREÇÃO
INTERPRETAÇÃO

Augusto Sobral
Filipe Abreu e Miguel Maia
Filipe Abreu, João Gaspar,
Lara Matos, Rita Brütt.

Direção Artística:
Filipe Abreu e Miguel Maia

Coordenação de Produção:
Inês Achando

Produção Executiva:
Beatriz Sousa

Comunicação:
Sónia Godinho

Assessoria de Imprensa:
Mafalda Simões

Fotografia:
Sónia Godinho

Design Gráfico:
Edoardo U. Trave

Vídeo:
Mário Jerónimo Negrão



Registo audiovisual:
James Newitt

Classificação etária do festim M/14

Para mais informações contactar:
companhia@cepatorta.org
(+351) 924 744 056

Programação completa em:
www.cepatorta.org

Créditos da imagem
© Edoardo U. Trave

 [estanoitegrita.se](https://www.facebook.com/estanoitegrita.se)
 [estanoitegrita.se](https://www.instagram.com/estanoitegrita.se)



7ª edição
2023

esta noite
GRITA-SE

Financiado por:



Apoios:



Parceiros:



Parceiro media:



MENINA JÚLIA
August Strindberg